

França promete crédito ao Brasil

Financiamento para as exportações só depende de acordo com FMI

LIANA SABO
Enviada Especial

Paris — Assim que o Brasil estabelecer um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, a França estará disposta a apoiar o Governo brasileiro nas negociações para o reescalonamento da dívida com o Clube de Paris e a retomar os créditos para as importações brasileiras, cortados por quase um ano, desde que o País declarou a moratória em fevereiro de 87. Esta garantia foi dada ontem pelo ministro francês, dos Negócios Estrangeiros, Jean-Bernard Raimond, ao chanceler brasileiro Roberto de Abreu Sodré, em visita oficial a Paris.

Sodré considerou a iniciativa francesa "muito importante" para os planos brasileiros de acertar suas contas com os credores externos. Segundo ele, o diálogo com o FMI não é mais "o espantalho que se criou", uma vez que a política do Fundo parece ter-se tornado um pouco mais flexível. Sobre os contatos que serão iniciados semana que vem pelo ministro da Fazenda, Majlson da Nóbrega, com o Fundo Monetário Internacional, Sodré disse ter certeza de que a "soberania brasileira será preservada".

A retomada da cooperação financeira com a França e a decisão do Brasil de pagar, pelo menos em parte, os juros devidos aos bancos foram a tônica da conversa entre os chanceleres, que durou três horas e meia. O encontro começou ao meio-dia

no gabinete do ministro Jean-Bernard Raimond e terminou com um almoço oferecido por ele no Quai D'orsay, ao qual estiveram presentes o embaixador da França no Brasil, Philippe Cuvillier e o embaixador brasileiro João Hermes de Araújo, que apresentará ao presidente François Mitterrand, as credenciais no Próximo dia 23.

Os dois chanceleres não trataram de negócios, mas depois que Raimond afirmou que a França estava disposta a reestabelecer os fluxos financeiros, Sodré lembrou que as empresas francesas estabelecidas no Brasil foram as únicas estrangeiras a reinvestir seus lucros no País, no último ano. Aliás, foi também a França o último País a cortar os créditos para o Brasil depois da suspensão do pagamento dos juros da dívida. Isto aconteceu no mês de abril.

Ainda sobre a dívida, o chanceler brasileiro manifestou ao seu colega francês a esperança de que "no momento adequado" a França venha a apoiar o Brasil na defesa de três pontos fundamentais: a redução dos spreads, o reescalonamento dos débitos em prazos mais longos e o aporte de dinheiro novo. Isto sem falar no refinanciamento dos juros, um princípio que foi firmado no documento dos oito presidentes latino-americanos reunidos em Acapulco.

Quanto ao tratamento que é Assembleia Nacional Constituinte dará ao capital externo — uma preocupação constante dos investidores franceses — Sodré disse em Paris que a tendência da nova Constituição "será progressiva, mas terá contornos liberais em matéria econômica".

O fato de o Brasil ter conseguido ano passado um superávit de 12 bilhões de dólares em seu comércio exterior, apesar de todas as dificuldades, e o desejo demonstrado, este ano, de regularizar seus pagamentos com os credores, foram considerados "muito positivos" pelo chanceler francês. O Brasil deve hoje à França, segundo maior credor na Europa, 8,5 bilhões de dólares, dos quais 6,7 bilhões aos bancos privados e 1,8 bilhão ao governo. Mas no Clube de Paris, os débitos oficiais chegam a 30 bilhões de dólares, ou seja, uma quarta parte da dívida brasileira de 125 bilhões. Dificilmente o Brasil conseguirá as mesmas condições que teve no Clube de Paris em janeiro do ano passado quando conseguiu refinarçar amortizações de juros para dali a seis meses, sem ter feito qualquer programa de estabilização com o Fundo Monetário Internacional.



Sodré está em visita a Paris